

BERNARDO ÉLIS FLEURY DE CAMPOS CURADO: LITERATURA, ALMA GOIANA E SENTIMENTO

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

*Instituto Cultural e Educativo Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE)
bentofleury@hotmail.com*

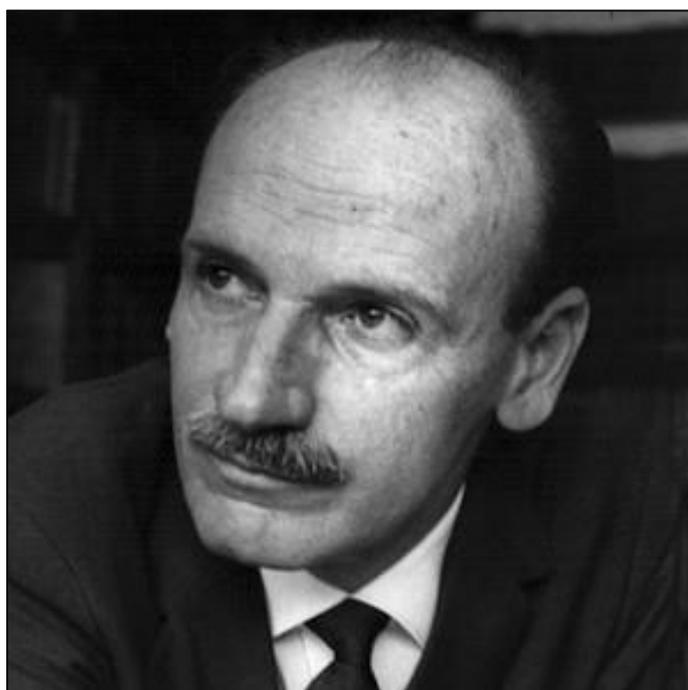


Imagem. Bernardo Élis, olhar profundo e instigante de quem amava as letras e as artes.

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, ou simplesmente Bernardo Élis. Um homem e um mito. Nome maior da Literatura de Goiás de todos os tempos, merece todo o reconhecimento da gente goiana, do ontem e do hoje.

Bernardo Élis dos romances históricos, dos poemas modernistas, das crônicas eruditas, dos contos regionais. Bernardo, que rima com Goiás!

Bernardo Élis foi a tradução mais intensa da inteligência goiana a despontar para todo o Brasil, a exemplo de outros como Bariani Ortêncio (1923), Rosarita Fleury (1913-1993),

Maria Paula Fleury de Godoy (1894-1982), J. J. Veiga (1915-1999), Augusta Faro Fleury de Mello (1948), João Accyolli (1912-1990), Gilberto Mendonça Teles (1931), Gabriel Nascente (1950), Miguel Jorge (1933), Lena Castello Branco (1931), dentre outros, que cruzaram o Paranaíba e se fizeram conhecidos além das fronteiras geográficas.

Pela sua obra, pelo seu legado, Bernardo Élis merecia transformar-se numa estátua a ser colocada numa rua ou praça, assentado num banco, talvez, da ilha da Avenida Goiás, a olhar a beleza daquela via a descer, no coração geográfico de Goiânia; assim como Drummond lá está em Copacabana, no cantinho daquele calçadão, perto do Forte, pensativo e poético, a ouvir as ondas a se quebrarem nas pedras, a lembrar seus versos perfeitos e sua doce lírica.

Ali, sob a brisa da tarde ou nas manhãs muito azuis, Bernardo Élis seria como o evocar de uma cidade que cresceu muito, mas da qual ele foi autêntico pioneiro, primeiro secretário da Prefeitura, prefeito interino, que viveu os dias primeiros da capital brotinho.

Pioneiro de Goiânia e de nosso modernismo literário, primeiro e único goiano na Academia Brasileira de Letras, bem merecia Bernardo Élis esse reconhecimento. Seria um ponto turístico a mais em Goiânia, das pessoas a tirarem fotografias com o nosso grande autor regional, a mostrar ao Brasil, as riquezas goianas...

Na poética e romanesca Corumbá de Goiás, com seu casario histórico tão lindo, suas ruas estreitas, sua igreja no alto, branquinha, seus largos floridos e sua riqueza folclórica foi o berço de Bernardo Élis, em 15 de novembro de 1915. No mesmo ano, a bela cidade também foi berço de J. J. Veiga, outro monstro sagrado de nossas letras. Também nasceram nesse ano os artistas Nice Monteiro Daher (1915-2011), Pedro Celestino da Silva Filho (1915-1997), Carmo Bernardes (1915-1986), Eli Brasiliense Ribeiro (1915-1997), Goiandira Aires do Couto (1915-2013).

No seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras há 45 anos, em 1975, Bernardo Élis assim cantou sua velha cidade: *“Ah, minha velha Goiás! Das mais elevadas terras do Planalto Central, da Serra dos Pireneus, nasce um rio que corta Goiás em direção ao sul. É o Corumbá, chamado resmungador e escachoante. A quatro léguas das nascentes forma um belo salto. Essa cachoeira foi descoberta pelos Bandeirantes tão logo chegaram a Goiás. E, danados como eram, rasgaram a serra, desviaram o curso das águas, estancaram a catadupa. No profundo do poço cavado pelas águas deste mil e mil anos acharam tanto ouro, mas tanto ouro, que para catá-lo ergueu-se uma povoação que tomou o nome de arraial de Nossa Senhora da Penha de França de Corumbá. Desaparecido o ouro, o*

arraial nem cresceu, nem minguou – encruou, pequenino e solitário na imensidão da encosta a prumo”.

Era Bernardo Élis filho de outro grande poeta de nosso Simbolismo, Érico José Curado (1880-1961), inspirado vate de nossas terras e de Marieta Fleury Curado (1895-1990), dona de casa. Iniciou o estudo das primeiras letras com o pai, em casa, que era impaciente ao ensiná-lo e, em 1923, foi residir na casa do avô materno, na capital do Estado, então Cidade de Goiás, onde se matriculou no Grupo Escolar; tema discutido em sua novela *Apenas um violão*.

Mais tarde, retornou para Corumbá onde continuou os estudos com o pai, de quem viria o estímulo para as letras e para o jornalismo, assim como para o magistério; embora o pai fosse comerciante na pequena cidade. Exercia esse mister, mas não gostava do comércio e perdia várias vendas, imerso no mundo dos sonhos, na elaboração de seus versos...

Aos doze anos, Bernardo Élis escreveu o primeiro conto, inspirado em "Assombramento", de Afonso Arinos, na época um festejado regionalista, autor do belo livro *Pelo sertão*. Leu, também, e se inspirou na obra *Tropas e boiadas*, do magistral Hugo de Carvalho Ramos, assim como do talentoso Pedro Gomes de Oliveira que, nos anos de 1920, havia escrito um livro de contos intitulado *Na cidade e na roça*, mais tarde, já em Goiânia, em 1942, escreveu seu magistral *O pito aceso*.

Em 1928, Bernardo Élis viajou com a família para a Cidade de Goiás, onde fez o curso ginásial no Liceu, tradicional colégio vilaboense, construído em 1846, segundo estabelecimento de ensino secundário do País. Ampliou suas leituras, principalmente de Machado de Assis, Eça de Queirós e dos autores modernistas; vindo daí sua inspiração para as letras e para o jornalismo também.

Era assíduo leitor do jornal literário feminino intitulado *O lar*, produzido por mulheres notáveis como Oscarlina Pinto, Genezy de Castro, Maria Paula Fleury de Godoy, Graciema Machado de Freitas, Illydia Maria Perillo Caiado, Gés de Souza, Dinah de Amorim, Armênia Sócrates Gomes Pinto e Maria Ferreira de Azevedo Perillo.

Era o tempo da política fervilhante que antecedeu a Revolução de 1930 e a completa diferenciação pela qual passaria o Estado de Goiás com a queda da oligarquia Caiadista. Aos 13 anos, Bernardo Élis vivenciou este histórico momento na antiga capital goiana. Viu caírem do poder aqueles antigos e austeros chefes oligárquicos e ascenderem outros jovens idealistas, com seus erros e acertos, inspirados pela liderança de Pedro Ludovico Teixeira.

Reacendeu-se a ideia da mudança da capital do Estado, isolada por um determinismo geográfico. Lutas políticas e sociais, movidas por interesses tantos sacudiram a velha cidade do Anhanguera. Bernardo Élis nessa época era um jovem de 18 anos, estudante pobre em busca de uma oportunidade na vida.

Iniciou na vida pública aos 19 anos, como escrivão da Delegacia de Polícia em Anápolis, foi nomeado escrivão do cartório do crime de Corumbá. Assim voltou ele para a sua doce terra, mas por pouco tempo.

Também participou, desde 1934, dos acontecimentos literários do Brasil central, junto a outros jovens idealistas, ao escrever poesias e enviar colaborações de cunho modernista para os jornais de Goiânia, a nova cidade que nascia nas campinas. Em 1939, transferiu-se para a nova capital, onde foi nomeado secretário da Prefeitura Municipal, com exercício das funções de prefeito por duas vezes. Era uma mudança total e inesperada em sua vida de jovem estudante de 24 anos de idade.



Imagem. Casa onde nasceu Bernardo Élis em Corumbá de Goiás

Dentro dele estava pulsante a Literatura e o gosto pela escrita! E, antes de tudo, o seu tema era Goiás e sua gente, fonte de sua inspiração. Mas, ele precisava estudar; ter segurança, um diploma e uma carreira. Após a interrupção dos estudos por dois anos, em 1940 concluiu o

curso clássico no Liceu de Goiânia. Em 1945, formou-se na Faculdade de Direito, sendo orador de sua turma. Estava consumado o homem na plenitude de todo o seu saber.

Mas, dentro dele havia um sonho maior, viver na então Capital Federal. Em 1942, mudou-se para o Rio de Janeiro com a intenção de aí fixar-se. Trazia um livro de poesias e outro de contos, que pretendia publicar. Sem realizar seu intento, retornou a Goiás. Para um jovem pobre e desconhecido, o Rio de Janeiro era uma temeridade.

Em Goiânia, cidade nova e de oportunidades tantas, fundou ele juntamente com o trindadense Gerson de Castro Costa (1917-1992) e Zecchi Abrahão a *Revista Oeste* e nela publicou o conto "Nhola dos Anjos e a cheia de Corumbá", depois inserido em livro. Essa revista era a súpula de toda inteligência moça de Goiás, inspirada na renovação com a mudança da capital.

No ano de 1944, seu livro de contos *Ermos e gerais* foi publicado pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, de Goiânia, que obteve sucesso e elogios de toda a crítica nacional. Nesse ano, aos 29 anos de idade, casou-se com a poetisa Violeta Metran (1927-1996), moça inspirada e sonhadora, da bela "cidade dos pomares", Morrinhos, membro da UBE-GO e autora dos livros *Sempre setembro e Liège*.

No ano de 1945, há 75 anos, participou do 1º Congresso de Escritores de São Paulo, quando conheceu vários escritores nacionais, entre os quais Aurélio Buarque de Holanda, Mário de Andrade e Monteiro Lobato. Voltando para Goiânia, fundou a Associação Brasileira de Escritores, da qual foi eleito presidente. Ingressou no magistério como professor da Escola Técnica Federal de Goiás, hoje IFG e do ensino público estadual e municipal.

Como professor, para garantir o sustento da família, trabalhava muito, em vários lugares. Afogava dentro de si, pela falta de tempo, um turbilhão de ideias, de livros, de pensamentos, aprisionados pelo excesso de obrigações de trabalho, correção de provas, preparação de aulas, os encargos de professor, marido, pai de família; a lembrar o personagem "Campos Lara", do belo romance *O feijão e o sonho*, de Orígenes Lessa, angustiado pela vontade de escrever e a luta insana pela vida.

Bem poucos, no Brasil, puderam viver de Literatura e podem ser contados nos dedos, como Jorge Amado, José Mauro de Vasconcelos e talvez Érico Veríssimo e olhe lá. Os outros escreveram nas sobras de tempo, na aflição em garantir o pão da carne, no entrelaço com o pão do espírito.

Em 1955, Bernardo Élis publicou o livro de poemas *Primeira chuva*. Nos anos seguintes, com muita luta, dedicou-se ao magistério e à vida literária. Foi co-fundador, vice-

diretor e professor do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Federal de Goiás, quando passou a professor de Literatura na Universidade Católica de Goiás e em vários cursos preparatórios ao vestibular das universidades. Era a luta pelo pão e pela dignidade, de quem se dedica à Educação em nosso País.

Entre os anos de 1970 a 1978, desempenhou as funções de Assessor Cultural junto ao Escritório de Representação do Estado de Goiás, no Rio de Janeiro, e reassumiu o cargo de professor na Universidade Federal de Goiás. Participou de congressos e conferências em todo o País, quando representou Goiás.

Desempenhou ainda a função de Diretor Adjunto do Instituto Nacional do Livro, em Brasília, de 1978 a março de 1985. Em 1986, foi nomeado para o Conselho Federal de Cultura, ao qual pertenceu até a extinção do órgão, em 1989. Em todos os campos onde atuou, o filho de Corumbá de Goiás deu provas de seu imenso talento.

Pelo conjunto de sua obra, expressiva e bela, recebeu inúmeros prêmios literários: Prêmio José Lins do Rego (1965) e Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1966), pelo livro de contos *Veranico de janeiro*; Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu *Caminhos e descaminhos*; Prêmio Sesquicentenário da Independência, pelo estudo *Marechal Xavier Curado, criador do Exército Nacional* (1972). Em 1987, recebeu o Prêmio da Fundação Cultural de Brasília, pelo conjunto de obras, e a medalha do Instituto de Artes e Cultura de Brasília, mesmo ano de sua morte.

No Governo Henrique Santillo, toda a sua obra foi enfeitada numa bela coleção, em capa dura, de belo trabalho artístico, intitulada “Alma de Goiás”, com apresentação de Kleber Adorno, comentários de Tristão de Athayde e desenhos de Amaury Menezes, pela tradicional Editora José Olympio. Essa coleção fez enorme sucesso e foi distribuída a todo o Estado de Goiás, às escolas, universidades e instituições culturais.

As principais obras de Bernardo Élis foram *Primeira chuva, poesia* (1955); *Ermos e gerais, contos* (1944); *A terra e as carabinas* (1951); *O tronco, romance* (1956); *Caminhos e descaminhos, contos* (1965); *Veranico de janeiro, contos* (1966); *Caminhos dos gerais, contos* (1975); *André Louco, contos* (1978); *Seleta de Bernardo Élis. Org. de Gilberto Mendonça Teles; estudo e notas de Evanildo Bechara* (1974); *Caminhos dos gerais* (1975); *Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil* (1980); *Apenas um violão* (1984); *Goiás em sol maior* (1985); *Jeca-Jica-Jica Jeca* (1986); *Chegou o governador* (1987); *Obra reunida de B. É.* (1987).

A sua consagração máxima como escritor veio há 45 anos. Em 1975 foi eleito, vencendo JK, o quarto ocupante da Cadeira 1, da Academia Brasileira de Letras, eleito em 23 de outubro de 1975, na sucessão de Ivan Lins e recebido pelo Acadêmico Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 10 de dezembro de 1975. Até hoje é o único goiano eleito para a Casa de Machado de Assis.

Bernardo Élis participou também de entidades como União Brasileira de Escritores, secção de Goiás, Academia Goiana de Letras, Instituto histórico e Geográfico de Goiás. Colaborava com todos os jornais goianos, notadamente o *Cinco de março* e o *Diário da manhã*, ativista político de esquerda, ao lado de Batista Custódio.

Seus trabalhos literários *André louco* e *O tronco* foram transformados em filme, com reconhecimento de público e de mídia, elevando mais ainda o nome de Goiás. Dessa forma, nosso Estado tem uma dívida muito grande com esse inesquecível corumbaense.

Em 1981, Bernardo Élis, após o divórcio, convolou segundas núpcias com sua prima, a escritora e artista plástica Maria Carmelita Fleury Curado, sua constante companheira das lides intelectuais e ativa colaboradora quando este esteve como Presidente da Fundação Cultural Pedro Ludovico, já no fim da vida. Foi em sua companhia que o escritor viveu seus dolorosos últimos dias, vítima de pertinaz enfermidade.

Mulher de grande notoriedade, Maria Carmelita Fleury Curado criou juntamente com outros intelectuais e após a morte do autor, a Associação Cultural Bernardo Élis para os povos do Cerrado, hoje Instituto Educacional e Cultural Bernardo Élis para os povos do Cerrado (ICEBE), para perpetuar a obra do marido. Há 23 anos a instituição é sediada na residência onde viveu o casal; bela casa no Jardim América, onde tem a biblioteca e a galeria de arte que leva o nome de sua dedicada companheira de mais de vinte anos, autora dos livros *O pároco* (romance) e *Patife e seus amores* (literatura infantil), além de artigos e crítica de arte; bem como intensa produção artística que bem retratou a obra de Bernardo Élis.

Reconhecido no meio intelectual, Bernardo Élis teve estudos importantes de sua obra feitos por nomes consagrados como Nelly Alves de Almeida, Ercília Macedo, Moema de Castro e Silva Olival, Ramir Curado, Paulo Bertran, José Mendonça Teles e tantos outros. Em sua cidade, Corumbá de Goiás, há um movimento para a construção de um memorial em sua homenagem, com o incentivo e entusiasmo dos bravos intelectuais Ramir Curado, grande historiador e estudioso local e Ana Ruth Fleury Curado, também notável pesquisadora das coisas goianas.

Tive a honra de conhecer e conviver com Bernardo Élis muitos e muitos anos. Seu jeito tímido, muito alto e magro, o porte elevado. Quando em 1995, há vinte e cinco anos, fui premiado em primeiro lugar no “Concurso BEG de Literatura”, era meu querido Bernardo Élis presidente da Fundação Cultural. Eu tinha 25 anos, mas já convivía há muito com ele.

Na sessão de entrega dos prêmios quando foi pronunciado meu nome e ele foi me entregar o diploma e o cheque, sussurrou para mim, entre um riso irônico e engraçado: “Meu caro Bento, parabéns, mas quando disseram seu nome, por certo todos pensaram que isso foi uma maracutaia que fizemos”. Ri muito, também, ao concordar com o que dizia. Ter esse diploma por ele assinado e todos os seus livros autografados constitui imensa riqueza para mim.

Dentre seus parentes diretos, muitos se dedicaram também à literatura. Sua irmã Elza Hilda Curado (1919-2013) deixou o livro *A felicidade é... quase nada*, e seu filho Silas Metran Curado, o livro *Eternos passageiros*.

Depois de lutar pela vida, vítima de um câncer, faleceu Bernardo Élis em 30 de novembro de 1997, aos 82 anos e 15 dias, sepultado no Mausoléu dos Imortais da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Que no seu centenário, seu nome seja lembrado como ícone maior de nosso Estado, respeitável acadêmico e sensível poeta, alquimista das letras a perpetuar Goiás nas fronteiras do mundo.

SOBRE O AUTOR

Bento Fleury (*Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado*).

Graduado em Letras e linguística pela UFG. Especialista em Literatura Comparada pela UFG. Mestre em Letras pela UFG. Mestre em Geografia pela UFG. Doutor em Geografia pela UFG. Presidente do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os povos do Cerrado e vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Escritor, professor e poeta.

Recebido para publicação em outubro de 2020

Aprovado para publicação em novembro de 2020